

Invasão indígena pode gerar uma catástrofe

Extremo-sul vira barril de pólvora

um radiograma foi passado ao ministro Jarbas Nobre lhe dando ciência do que está acontecendo.

O procurador geral do Estado disse que "a ninguém interessa, salvo aos pescadores de águas turvas, e aos incendiários que à socapa, sob o manto espúrio de um humanitarismo tão esfarrapado que sob ele é facilímo aperceber-se as formas e as cores do ódio, a provocação das convulsões intestinais, o apelo ao caos, em suma, a ninguém interessa, repita-se, salvo a esses, fomentar a eclosão de violência". E adverte: "Mas sente-se de maneira muito clara, a presença e a atuação malsã dos que estão tentando fazer surgir um cadáver, o primeiro cadáver, que sirva de bandeira para uma luta inglória, o começo, quem sabe, de uma Canudos moderna".

E o procurador geral do Estado, Paulo Pereira Spinola relata para o ministro Jarbas Nobre, presidente do Tribunal Federal de Recursos, fatos recentes geradores do clima de tensão que hoje vive o Extremo Sul da Bahia:

— Em abril o delegado da Funai em Minas Gerais, resolveu revalidar por conta própria uma ocupação indígena na Bahia, que já em 1926 o Serviço de Proteção ao Índio concluiu não existir. Sem que sobre tal providência fossem ouvidos o Ministério da Justiça, a presidência da Funai, a delegacia em Pernambuco (que tem jurisdição sobre a Bahia), a diretoria geral do Departamento Federal de Segurança Pública ou a delegacia desse departamento na Bahia, arrebanhou alguns

O Extremo Sul da Bahia, segundo o procurador geral do Estado, Paulo Pereira Spinola, está vivendo momentos insuportáveis de grande tensão social, transformada num barril de pólvora que, segundo ele, poderá a qualquer momento se transformar em catástrofe. Um começo, quem sabe, reforça o procurador Raymundo Pereira, de uma Canudos moderna. Cerca de 400 grandes fazendeiros e três mil pequenos proprietários na região estão armados e prometem reagir à bala a uma nova invasão indígena, nos moldes que foi feito nos municípios de Pau-Brasil, Itaju do Colônia, Camacã por falsos representantes das comunidades Pataxó e Ha-hã-hãe.

Isto foi dito em petição dirigida ao ministro Jarbas Nobre, do Tribunal Federal de Recursos, requerendo como foi conseguido, a revogação da medida liminar da juíza federal Anna Maria Pimentel Tristão, determinando que os índios transferidos pela Funai para Almada, em Ilhéus, retornassem às áreas que antes invadiram no Extremo Sul da Bahia.

SITUAÇÃO AGRAVADA

Mas em desobediência à medida do Tribunal Federal de Recursos, que revogou a liminar da juíza da 2ª Vara Federal, a Funai vem diligenciando e transferindo os índios de Almada para a região em litígio no Extremo Sul. Ontem, em razão disto, e confiando numa providência do governo do Estado, uma comissão de fazendeiros no Extremo Sul da Bahia retornou à Procuradoria Geral e

policiais federais em Minas Gerais e com a garantia dada por eles, invadiu juntamente com algumas dezenas de índios radicados em Minas Gerais, a fazenda São Lucas, em Pau Brasil, expulsando à ponta de metralhadoras, com as roupas do corpo, os seus proprietários, nela moradores.

E prossegue: "Desse violento e doloroso episódio, que levou intranquilidade e consternação a milhares de pessoas, emergiram gestões conduzidas entre o governo do Estado da Bahia, o Ministério do Interior, e a Funai, no sentido de ser a matéria, por suas controvertidas características de alta investigação, submetida ao crivo judicial".

O procurador geral do Estado disse que enquanto se discutia se as terras em dúvida pertenciam a particulares ou seriam indígenas, o governo do Estado providenciou conjuntamente com a Funai a transferência dos invasores para uma área compatível com o modo de vida deles, suas dignidades e seus confortos pessoais. Tal transferência, disse, foi consumada em consonância com as providências do Ministério do Interior, para a Estação Experimental de Almada, em Ilhéus.

E disse:

— Sucede que os acontecimentos geraram em Pau Brasil e Itaju do Colônia, entre os milhares de não-índios ali legitimamente residentes, um clima quase insuportável de tensão social e expectativa de violência, que pode ser palpavelmente sentido por quem quer que visite a região, transformada hoje num verdadeiro barril de pólvora.